

1. FMU

Na voz passiva, escreve-se "Deu-me as lições sem uma só das Intragáveis ternuras", da seguinte forma:

- a. As lições me são dadas...
- b. As lições me eram dadas...
- c. As lições me foram dadas...
- d. A mim deu-me ele as lições
- e. A mim as lições deu-as ele

2. FMPE

Identifique a alternativa em que o verbo destacado não é de ligação:

- a. A criança **estava** com fome.
- b. Pedro **parece** adoentado.
- c. Ele **tem andado** confuso.
- d. **Ficou** em casa o dia todo.
- e. A jovem **continua** sonhadora.

3. FUVEST

A transformação passiva da frase: "**A religião te inspirou esse anúncio**", apresentará o seguinte resultado:

- a. Tu te inspiraste na religião para esse anúncio.
- b. Esse anúncio inspirou-se na tua religião.
- c. Tu foste inspirado pela religião nesse anúncio.
- d. Esse anúncio te foi inspirado pela religião.
- e. Tua religião foi inspirada nesse anúncio.

4. UFMG

Em todas as frases, os verbos estão na voz ativa, exceto em:

- a. Ele, que sempre vivera órfão de afeições legítimas e duradouras, como então seria feliz!...
- b. O quinhão de ternura que a ela pretendia, estava intacto no coração do filho.

c. Os dois quadros tinham sido ambos bordados por Mariana e Ana Rosa, mãe e filha.

d. E dizia as inúmeras viagens que tinha feito até ali; contava episódios a respeito do boqueirão.

e. Sobre a banca de Madalena estava o envelope de que ele tinha falado

5. UCPR

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

- 1. O intruso já tinha sido
- 2. Não sabia se já haviam a casa.
- 3. Mais de uma vez lhe haviam a vida.
- 4. A capela ainda não havia sido

- a. expulsado, coberto, salvo, benzida
- b. expulso, cobrido, salvo, benzida
- c. expulsado, cobrido, salvado, benta
- d. expulso, coberto, salvado, benta
- e. expulsado, cobrido, salvo, benzida

6. CESGRANRIO

Assinale a frase em que há erro de conjugação verbal:

- a. Os esportes entretêm a quem os pratica.
- b. Ele antevira o desastre.
- c. Só ficarei tranqüilo, quando vir o resultado.
- d. Eles se desavinham freqüentemente.
- e. Ainda hoje requero o atestado de bons antecedentes.

7. FGV

Assinale o item em que há erro quanto à flexão verbal:

- a. Quando eu vir o resultado, ficarei tranqüilo.
- b. Aceito o lugar para o qual me proporem.
- c. Quando estudar o problema, ficará sabendo a verdade.
- d. Sairás assim que te convier.
- e. O fato está patente a quem se detiver a observá-lo.

8. ESAF

Os verbos das orações "ao prestar-nos as informações que lhe solicitamos" são, respectivamente:

- a. transitivo direto e indireto, transitivo indireto
- b. transitivo indireto, transitivo direto e indireto
- c. ambos transitivos indiretos
- d. ambos transitivos diretos
- e. ambos transitivos diretos e indiretos

9. SANTA CASA

Transpondo para a voz ativa a frase: "**Os ingressos haviam sido vendidos com antecedência**", obtém-se a forma verbal:

- a. venderam
- b. vendeu-se
- c. venderam-se
- d. haviam vendido
- e. havia vendido

10. INSPER 2015

Cerco ao Ebola

A epidemia de Ebola que castiga os países africanos Serra Leoa, Guiné e Libéria ganhou contornos ainda mais preocupantes na semana passada. Na sexta-feira 8, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a proliferação do vírus uma emergência de saúde internacional.

Disponível em: <http://www.istoe.com.br/>. Acesso em 25 ago 2014.(adaptado).

Por apresentarem valores semânticos, os conectivos desempenham importante papel na construção dos textos. Observa-se, por exemplo, que, na reportagem acima, o uso das preposições nas expressões "cerco ao Ebola" e "epidemia de Ebola" estabelece diferentes relações sintáticas. A função das expressões grifadas é, respectivamente,

- a. complemento nominal e adjunto adnominal.
- b. adjunto adnominal e predicativo do sujeito.

- c. agente da passiva e adjunto adnominal.
- d. sujeito e complemento nominal.
- e. adjunto adnominal e agente da passiva.

11. UNEMAT 2009

Habitação

O déficit habitacional é grande no Brasil. Existem milhões de famílias que não possuem condições habitacionais adequadas. Nas grandes e médias cidades é muito comum a presença de favelas e cortiços. Encontramos também pessoas morando nas ruas, embaixo de viadutos e pontes. Nestes locais, as pessoas possuem uma condição inadequada de vida, passando por muitas dificuldades.

Fonte: www.suapesquisa.com/educacaoesportes/arrumar_emplo.htm.

Assinale a alternativa **incorreta**.

- a. O termo "déficit", no texto, tem sentido de dificuldade.
- b. A forma verbal "existem" pode ser substituída pela forma verbal "há", sem que se altere o sentido da frase.
- c. A expressão "nas ruas" exerce função de advérbio de lugar.
- d. Na oração "...as pessoas possuem uma condição inadequada de vida...", o verbo é transitivo direto.
- e. De acordo com o texto, "favelas", "cortiços", "viadutos" e "pontes" podem ser sinônimos de moradia.

12. UNEMAT 2008

A flexão de voz do verbo na língua portuguesa diz respeito à relação estabelecida entre o verbo e seu sujeito. Dessa forma, o verbo pode apresentar-se na voz ativa (quando o sujeito é aquele que **executa a ação** expressa pelo verbo) e na voz passiva (quando o receptor é paciente, ou seja, sofre a ação expressa pelo verbo).

Nesse sentido, ao transpor para a voz ativa a frase: "Para uma parcela da coletividade são assegurados [...] os direitos individuais", **obtem-se**:

- a. Para uma parcela da coletividade se assegura [...] os direitos individuais.

- b. Para que uma parcela da coletividade assegure [...] os direitos individuais.
- c. Uma parcela da coletividade assegura [...] os direitos individuais.
- d. Para uma parcela da coletividade asseguram-se [...] os direitos individuais.
- e. Para uma parcela da coletividade assegurou-se [...] os direitos individuais.

13. UFRGS 2016

A variação linguística é uma realidade que, embora razoavelmente bem estudada pela sociolinguística, pela dialetologia e pela linguística histórica, provoca, em geral, reações sociais muito negativas.

O senso comum tem escassa percepção de que a língua é um fenômeno heterogêneo, que alberga grande variação e está em mudança contínua. Por isso, costuma folclorizar a variação regional; demoniza a variação social e tende a interpretar as mudanças como sinais de deterioração da língua. O senso comum não se dá bem com a variação linguística e chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação.

Boa parte de uma educação de qualidade tem a ver precisamente com o ensino de língua – um ensino que garanta o domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala nos espaços públicos. E esse domínio inclui o das variedades linguísticas historicamente identificadas como as mais próprias a essas práticas – isto é, as variedades escritas e faladas que devem ser identificadas como constitutivas da chamada norma culta. Isso pressupõe, inclusive, uma ampla discussão sobre o próprio conceito de norma culta e suas efetivas características no Brasil contemporâneo.

Parece claro hoje que o domínio dessas variedades caminha junto com o domínio das respectivas práticas socioculturais. Parece claro também, por outro lado, que não se trata apenas de desenvolver uma pedagogia que garanta o domínio das práticas socioculturais e das respectivas variedades linguísticas. Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas populares, parece que o que nos desafia é a construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua e preparada para

combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais. Essa compreensão deve alcançar, em primeiro lugar, os próprios educadores e, em seguida, os educandos.

Como fazer isso? Como garantir a disseminação dessa cultura na escola e pela escola, considerando que a sociedade em que essa escola existe não reconhece sua cara linguística e não só discrimina impunemente pela língua, como dá sustento explícito a esse tipo de discriminação? Em suma, como construir uma pedagogia da variação linguística?

Adaptado de: ZILLES, A. M; FARACO, C. A. Apresentação. In: ZILLES, A. M; FARACO, C. A, orgs., *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.

Considere as seguintes propostas de alteração da ordem de elementos adverbiais do texto.

- I - Deslocamento de em geral, para imediatamente antes de razoavelmente.
- II - Deslocamento de muitas vezes, para imediatamente antes de chega.
- III- Deslocamento de inclusive, precedido de vírgula, para imediatamente depois de características.

Quais propostas estão corretas e preservam o sentido do texto?

- a. Apenas I.
- b. Apenas II.
- c. Apenas I e III.
- d. Apenas II e III.
- e. I, II e III.

14. UPF 2012

Reforma na corrupção

Como previsto, já arrefece o mais recente debate sobre corrupção. Ainda se discute, sem muito entusiasmo, a absolvição de uma deputada que foi filmada recebendo um dinheirinho suspeito, mas isso aconteceu antes de ela ser deputada, de maneira que não vale. Além da forte tendência de os parlamentares não punirem os seus pares, havia o risco do precedente. Não somente o voto é indecentemente secreto nesses casos, como o precedente poderia expor os

pescoços de vários outros deputados. O que o deputado faz enquanto não é deputado não tem importância, mesmo que ele seja tesoureiro dos ladrões de Ali Babá.

Aliás, me antecipando um pouco ao que pretendo propor, me veio logo uma ideia prática para acertar de vez esse negócio de deputado cometendo crimes durante o exercício do mandato. Às vezes – e lembro que errar é humano – o sujeito **comete esses crimezinhos** distraído. Esquece, em perfeita boa-fé, que exerce um mandato parlamentar e aí perpetra a falcaturia. Fica muito chato para ele, se ele for flagrado, e seus atos podem sempre vir à tona, expostos pela imprensa impatriótica. Não é justo submeter o deputado a essa tensão permanente, afinal de contas, ele é gente como nós.

Minha ideia, como, modéstia à parte, costumam ser as grandes ideias, é muito simples: os deputados usariam uniforme. Não daria muito trabalho **contratar** (com dispensa de licitação, dada a urgência do projeto), **um estúdio de alta-costura** francês ou italiano, ou ambos, para desenhar esse uniforme. Imagino que seriam mais de um: o de trabalho, usado só excepcionalmente, o de gala, o de visitar eleitores e assim por diante. Enquanto estiver de uniforme, o deputado é responsabilizado pelos seus atos ilícitos ou indecorosos. Mas, se estiver à paisana, não se encontra no exercício do mandato e, portanto, pode fazer o que quiser. (...)

Mas isso é um mero detalhe, uma providência que melhor seria avaliada no conjunto de uma reforma séria, que levasse em conta nossas características culturais e nossas tradições. (...)

O que cola mesmo aqui são os ensinamentos de líderes como o ex-presidente (gozado, o "ex" enganchou aqui no teclado, quase não sai), que, em várias ocasiões, torceu o nariz para denúncias de corrupção e disse que aqui era assim mesmo, sempre tinha sido feito assim e não ia mudar a troco de nada. E assumia posturas coerentes com esse ponto de vista. (...)

Contudo, quando se descobre mais um caso de corrupção, a vida republicana fica bagunçada, as coisas não andam, perdese trabalho em investigações, gasta-se tempo prendendo e soltando gente e a imprensa, que só serve para atrapalhar, fica cobrando explicações, embora já saibamos que explicações serão: primeiro desmentidos e em seguida promessas de pronta e cabal investigação, com a

consequente punição dos culpados. Não acontece nada e perdura essa situação monótona, que às vezes paralisa o País.

A realidade se exhibe diante de nós e não **a vemos**. Em lugar de querer suprimir nossas práticas seculares, que hoje tanto prosperam, por que não **aproveitá-las** em nosso favor? (..) O brasileiro preocupado com o assunto já pode sonhar com uma corrupção moderna, dinâmica e geradora de empregos e renda. E não pensem que esqueci as famosas classes menos favorecidas, como se dizia antigamente. O mínimo que antevejo é o programa Fraude Fácil, em que qualquer um poderá habilitar-se ao exercício da boa corrupção, em seu campo de ação favorito. Acho que dá certo, é só testar. E ficar de olho, para não deixar que algum corrupto corrupto passe a mão no fundo todo, assim também não vale.

João Ubaldo Ribeiro, O Estado de São Paulo. Disponível em:
<http://www.estadao.com.br>. Acesso em: 04 Set. 2011.

A única alternativa em que o elemento sublinhado **não** corresponde ao complemento verbal, no contexto em que aparece, é:

- a. "comete esses crimezinhos"
- b. "a vemos"
- c. "aproveitá-las"
- d. "arrefece o mais recente debate"
- e. "contratar um estúdio de alta-costura"

15. UPF 2014

Vespertina tropical

Então Deus, tendo acabado de criar o firmamento e os continentes, o homem e a mulher, a zebra, os elétrons, o umbu e a neblina, quis dar um último toque em Sua obra: num arroubo de lirismo, lá pelas 17h54 do sexto dia, pintou a aurora boreal. É, de fato, um troço estupendo: mais bonito que o pôr do sol, mais improvável que a girafa, mais grandioso que o relâmpago. Era pra ser o corolário da criação, a maior atração da Terra, **diante da qual casais em lua de mel deixariam cair os queixos, japoneses ergueriam as câmeras e mochileiros bateriam palmas**, contentes por terem nascido neste planeta abençoado e multicolor, mas, infelizmente, como se sabe, a aurora boreal

não pegou.

Claro: é longe, é raro e é muito cedo, como esses espetáculos incríveis encenados domingo de manhã no Sesc Belenzinho. Imagina se a aurora boreal fosse nos trópicos, seis e meia da tarde? O sujeito tá num táxi na avenida Atlântica, olha pro lado, o céu todo verde e amarelo e laranja e roxo, saca o celular, faz um "selfie" [tava louco pra usar essa palavra], posta "#vespertinatropical!!!" e segue pra casa, satisfeito. Mas não, é pra lá da Groenlândia, 4h30 AM, ninguém sabe quando: aí, não adianta reclamar que o público é ignorante e prefere a caretice hollywoodiana de um arco-íris.

Fosse só a aurora boreal, beleza, mas a natureza tá cheia de desarranjos semelhantes. Não surpreende: ela foi criada há milhões de anos, nunca passou por uma revisão e ainda é administrada pelo fundador. Se eu fosse Javé, chamava uma dessas consultorias especializadas em fazer a transição de empresas familiares para organizações, digamos, mais competitivas, e dava um choque de gestão. Nem precisa gastar muito, basta alocar melhor os recursos.

Veja os cometas, por exemplo. Tudo espalhado por aí, nos visitam só a cada 70, cem anos, às vezes chegam de lado, outras vezes de dia, ninguém vê, baita desperdício de energia. Por que não otimizar essas órbitas? **Fazer com que venham cinco, dez ao mesmo tempo** na noite de Réveillon, proporcionando uma queima de fogos global à nossa sofrida humanidade?

A gravidade é outro assunto que merece uma calibrada: tem que ser mesmo 9,8 m/s²? Por quê? Como Deus chegou a esse número? Gostaria que Ele abrisse as planilhas para entendermos se cada m/s² é realmente necessário. Com metade dessa atração, nós continuaríamos colados ao chão e seria muito mais agradável se locomover por aí. O mínimo que o Senhor poderia fazer era dar uma amainada de dezembro a março: imagina que alívio encarar esse calorão com 25% menos esforço, durante a "Gravidade de Verão". Sem falar, óbvio, em 50% para grávidas, idosos e cadeirantes.

Não tenho dúvida de que o Todo Poderoso resistirá a essas e outras reformas. Criar o Universo é o tipo da coisa que infla um pouco o ego do sujeito, mas seria bom se Ele se animasse a colocar o mundo nos eixos – literalmente: já repararam como a Terra gira toda torta, envergada como um frei Damião?

Se meu pacote de sugestões não puder convencê-lo pelo bom senso, quem sabe ao menos uma parte cutuque a Sua vaidade? Ora, El Shaddai, a aurora boreal é um negócio tão lindo, tão grandioso, tão divino, não é justo que siga sendo exibida, ano após ano, apenas para os ursos-polares, as focas e a Björk, é ou não é?

PRATA, Antonio. Vespertina Tropical. Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 21 mar. 2014.

Os tempos e os modos verbais contribuem para construir, no texto, determinados efeitos de sentido. Acerca desses efeitos, afirma-se:

I. O futuro do pretérito é usado para dar ideia de probabilidade, como ocorre em “diante da qual casais em lua de mel deixariam cair os queixos, japoneses ergueriam as câmeras e mochileiros bateriam palmas”.

II. O imperativo afirmativo contribui para construir o efeito de proximidade com o leitor, como ocorre em “Veja os cometas, por exemplo”.

III. O presente do subjuntivo é usado para dar ideia de possibilidade de ação, como ocorre em “Fazer com que venham cinco, dez ao mesmo tempo”.

Estão **corretas** as afirmações apresentadas em:

- a. I, II e III.
- b. I e II apenas.
- c. II e III apenas.
- d. I apenas.
- e. III apenas.

16. UEMS 2008

Sugestão

*Antes que venham ventos e te levem
do peito o amor — este tão belo amor,
que deu grandeza e graça à tua vida —,
faze dele, agora, enquanto é tempo,
uma cidade eterna — e nela habita.*

[Sem data]

*Uma cidade, sim. Edificada
nas nuvens, não — no chão por onde vais,
e alicerçada, fundo, nos teus dias,
de jeito assim que dentro dela caiba
o mundo inteiro: as árvores, as crianças,
o mar e o sol, a noite e os passarinhos,
e sobretudo caibas tu, inteiro:
o que te suja, o que te transfigura,
teus pecados mortais, tuas bravuras,
tudo afinal o que te faz viver
e mais o tudo que, vivendo, fazes.*

(...)

Nos versos “tudo afinal o que te faz viver / e mais o tudo que, **vivendo**, fazes”, considerando-se o valor semântico da forma verbal em destaque, pode-se afirmar que ela é responsável por expressar a circunstância de:

- a. modo.
- b. causa.
- c. lugar.
- d. concessão.
- e. eventualidade.

17. Espcex (Aman) 2015

Assinale a alternativa cujo período está de acordo com a norma culta da Língua.

- a. Precisa-se vendedores.
- b. Cercou-se as cidades.
- c. Corrigiu-se o decreto.
- d. Dominou-se muitos.
- e. Aclamaram-se a rainha.

18. PUC-CAMPINAS 2015

Meu caro Drummond

Antes de mais nada: você é muito inteligente, puxa! A sua carta é simplesmente linda. E tem uma coisa que não sei se você notou. A primeira vinha um pouco de fraque. A segunda era natural que viesse de paletó-saco. Mas fez mais. Veio fumando, de chapéu na cabeça, bateu-me familiarmente nas costas e disse: Te incomodo? Eu tenho uma vaidade: a deste dom de envelhecer depressa as camaradagens. Pois, camarada velho, sente-se aí e vamos conversar. Olhe, você não repare se vou escrever sintético. É que de verdade mesmo não posso me estender nas minhas cartas. Não tenho tempo pra nada, de tal forma estou ocupado. [...]

...e ainda não falei nos seus versos... Gostei. Gostei francamente, embora a sua prosa por enquanto seja mais segura que seus versos. [...]

Como pratico com o Manuel Bandeira e o Luís Aranha, e eles comigo, mando-te os teus versos com algumas sugestões. Mas quero que eles voltem pra mim. Preciso deles em minha casa enquanto não se publicam.

E até logo. Lembranças aos amigos.

Um abraço do coração.

Mário de Andrade.

Obs.: paletó-saco = paletó mais informal.

(ANDRADE, Mário de. **A lição do amigo**: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982. p. 11, 16 e 17)

É correto afirmar:

- a. Respeitando o contexto, a transposição da frase *A sua carta é simplesmente linda* para o discurso indireto gera a forma clara e adequada assim: "Mário de Andrade mencionou que a carta dele tinha sido simplesmente linda".
- b. O segmento *Como pratico com o Manuel Bandeira e o Luís Aranha* expressa ideia de causa.
- c. Em *enquanto não se publicam*, temos verbo em voz passiva.
- d. Em *A segunda era natural que viesse de paletó-saco*, a forma verbal destacada exprime uma possibilidade, que, entretanto, é vista com pouca probabilidade de ser concretizada.
- e. A expressão destacada em *embora a sua prosa por enquanto seja mais segura que seus versos* pode ser corretamente substituída pela expressão grafada assim: "por hora".

19. UPE 2011

A morte do livro

A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada Época Moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos próprios escritores. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século XX.

Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem – segundo ele, indiscutível! – de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. A profecia estava equivocada, mas o erro do poeta é compreensível, já que, com o gramofone, os poetas modernos estariam mais próximos dos antigos aedos (Na Grécia Antiga, assim se chamava o cantor que apresentava suas composições religiosas ou épicas, acompanhando-se ao som da cítara.)

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas, enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de

canções populares, que são de fato os aedos modernos. E a tal ponto que houve quem afirmasse a substituição do poema pela canção popular: a poesia teria, assim, por morte do poema, se transferido do livro para o disco.

Mas ainda desta vez os propagadores de maus presságios pisaram na bola, uma vez que, décadas depois dessa profecia, os livros de poemas continuaram a ser editados, com a ajuda, hoje – vejam vocês! – da revolucionária tecnologia da informática. (Mas já há quem garanta que o livro – e não só o de literatura – vai morrer agora, substituído pelo computador. Mal sabe essa gente que há 40 anos inventei o livro-poema, que o computador não pode substituir.) (...)

Não concordo com essas previsões da morte do livro e da literatura quando mais não seja porque me parecem simplificadoras da questão. Se é verdade que, só em estado de delírio, alguém afirmaria que mais gente lê livros do que vê televisão, também se equivocaria quem visse nessa diferença de interesses um indício de que em breve ninguém mais lerá livros.

(Ferreira Gullar. Folha de São Paulo. Março de 2006. Adaptado.)

Com base no material linguístico com que o Texto em análise está construído, analise as seguintes considerações:

I. No texto, lê-se que: “os poetas em breve deixariam de imprimir poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem – **segundo ele, indiscutível!** – de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta.” Com o segmento sublinhado, o autor prefere atribuir a outro a responsabilidade da avaliação feita.

II. Em: “De qualquer modo, Apollinaire, **que foi um bom poeta**, revelara-se um mau profeta”, o segmento sublinhado funciona como uma explicação e não, como uma restrição. Por isso, é adequado o uso das vírgulas.

III. Em: “**Até onde me lembro**, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire”, o trecho em destaque funciona como uma ressalva do autor frente ao que é afirmado a seguir.

IV. Em: “**houve** quem afirmasse a substituição do poema pela canção popular”, o verbo sublinhado ficaria no plural, caso o sujeito não fosse o pronome ‘quem’, mas um substantivo comum flexionado no plural.

V. Em: “os propagadores de maus presságios **pisaram na bola**”, o segmento em destaque – uma espécie de metáfora – remete para contextos informais de uso da língua.

Estão CORRETAS as afirmações que constam apenas nos itens

- a. I, III e V.
- b. I, II, III e V.
- c. II, IV e V.
- d. II, III e IV.
- e. I, III, IV e V.■

20. UFAM 2010

Leia a crônica “Um Pé de Milho”, de Rubem Braga:

“Os americanos, através do radar, entraram em contato com a lua, o que não deixa de ser emocionante. Mas o fato mais importante da semana aconteceu com o meu pé de milho.

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra **trazido** pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim – mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana.

Sou um ignorante, um pobre homem de cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança as suas folhas além do muro – e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente. Um pé de milho sozinho, em um canteiro, espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram no chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis. Detesto comparações surrealistas – mas na glória

de seu crescimento, tal como o vi em uma noite de luar, o pé de milho parecia um cavalo empinado, as crinas ao vento – e em outra madrugada parecia um galo cantando.

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou. **Há muitas flores belas no mundo, e a flor de milho não será a mais linda.** Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem. É alguma coisa de vivo que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto da terra. E eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos”.

Assinale a opção errada quanto ao emprego dos verbos:

- a. Se reescrevêssemos o segundo período do último parágrafo no imperfeito, ele assim ficaria: “Havia muitas flores belas no mundo, e a flor de milho não seria a mais linda.”
- b. O cronista, com habilidade, mescla algumas vezes o presente com o imperfeito, como se observa nos dois períodos iniciais do terceiro parágrafo.
- c. No geral, o autor escreve no presente sobre fatos acontecidos em passado recente.
- d. O verbo “trazer”, no segundo parágrafo, está empregado numa construção em que a voz é passiva.
- e. Passada para a voz passiva, a frase “Já viu o leitor um pé de milho?” ficaria assim: “Um pé de milho já foi visto pelo leitor?”

21. UFAM 2010

As frases abaixo, em que os verbos estão empregados em tempos compostos, foram passadas para a voz passiva. Um dos itens, porém, não o foi de modo correto. Assinale-o.

- a. Os estudantes haverão aprendido o significado da ética? / O significado da ética haverá sido aprendido pelos estudantes?
- b. A última enchente tinha destruído muitas casas. / Muitas casas tinham sido destruídas pela última enchente.

c. Não temos lido muitos livros e revistas. / Muitos livros e revistas não têm sido lidos por nós.

d. Os primeiros desbravadores do oceano teriam utilizado frágeis naus. / Frágeis naus teriam sido utilizadas pelos primeiros desbravadores do oceano.

e. Vós tendes visto muitas novidades na Amazônia? / Muitas novidades na Amazônia tende sido vistas por vós?

22. UFAM 2010

Assinale a opção da qual consta frase na voz passiva:

- a. No horizonte distante o sol nasce.
- b. Por Guimarães Rosa foram escritos estes contos.
- c. Os noivos receberam inúmeros e valiosos presentes.
- d. Apesar da violenta briga, eles não se feriram.
- e. Encontraram-se por acaso e se cumprimentaram com alegria.

23. UFAM 2010

Nos exemplos abaixo, o pronome pessoal átono funciona como objeto direto, EXCETO em:

- a. Desde então, eu nunca mais o vi.
- b. Você não pode nos condenar sem ouvir as nossas razões.
- c. Quando eu estava doente, João Batista sempre me visitou no hospital.
- d. Agora já não lhe respeito como líder.
- e. Tua família espera te abraçar pela aprovação.

24. UFAM 2009

Assinale a opção em que o objeto direto vem preposicionado para assegurar a clareza da frase, isto é, para evitar que seja tomado como sujeito:

- a. Temos amigos a quem muito prezamos.
- b. Observe sempre o primeiro mandamento: Amai a Deus sobre todas as coisas.
- c. No último festival, venceu o Caprichoso ao Garantido.
- d. Que bom seria se todos cumprissem com o seu dever.

e. A quantos o destino trai!

25. UFAM 2009

Assinale a opção em que há erro na conversão da voz passiva analítica na voz passiva sintética:

- a. É necessário que sejam garantidos os direitos individuais. É necessário que se garantam os direitos individuais.
- b. Novas creches seriam construídas. Construir-se-iam novas creches.
- c. Têm sido adotadas medidas enérgicas contra a corrupção. Têm-se adotado medidas enérgicas contra a corrupção.
- d. Aqui outrora eram organizados vários campeonatos de xadrez. Aqui outrora se organizavam vários campeonatos de xadrez.
- e. Já teriam sido publicados os editais. Já se teria publicado os editais.

26. UFAM 2013

Leia as frases a seguir:

- I. O animal foi morto.
- II. Comprou-se um automóvel importado.
- III. Por descuido, as duas crianças se machucaram no parque.
- IV. Sou barbeado quase diariamente.

As vozes verbais das frases anteriores são, respectivamente:

- a. ativa, passiva analítica, reflexiva, passiva sintética
- b. passiva sintética, passiva analítica, ativa, passiva analítica
- c. ativa, passiva sintética, passiva analítica, reflexiva
- d. passiva analítica, reflexiva, reflexiva, passiva sintética
- e. passiva analítica, passiva sintética, reflexiva, passiva analítica

27. UECE 2012

SEQUÊNCIAS

Eu era pequena. A cozinheira Lizarda tinha nos levado ao

mercado, minha irmã, eu.
Passava um homem com um abacate na mão e eu inconsciente:
“Ome, me dá esse abacate...”
O homem me entregou a fruta madura.
Minha irmã, de pronto: “vou contar pra mãe que ocê pediu abacate na rua”.
Eu voltava trocando as pernas bambas.
Meus medos crescidos, enormes...
A denúncia confirmada, o auto, a comprovação do delito.
O impulso materno... consequência obscura da escravidão passada,
o ranço dos castigos corporais.
Eu, aos gritos, esperneando.
O abacate esmagado, pisado, me sujando toda.
Durante muitos anos minha repugnância por esta fruta trazendo a recordação permanente do castigo.
Sentia, sem definir, a recreação dos que ficaram de fora, assistentes, acusadores.
Nada mais aprazível **no tempo**, do que presenciar a criança indefesa
espernear numa coça de chineladas.
“É pra seu bem”, diziam, “doutra vez não pedi fruta na rua”.
(Cora Coralina. Melhores poemas. p. 158.)

A expressão **no tempo**, destacada em negrito, refere-se ao

- a. tempo de maneira geral, sem distinção.
- b. tempo em que o eu lírico era criança.
- c. tempo do leitor — tempo que cada leitor atualiza.
- d. passado como um todo.
- e. como sinônimo de *clima*.

28. UNIFESP 2007

I

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
Antes, o cotidiano era um pensar alturas
Buscando Aquele Outro decantado
Surdo à minha humana ladradura.
Visgo e suor, pois nunca se faziam.
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
Tomas-me o corpo. E que descanso me dá
Depois das lidas. Sonhei penhascos
Quando havia o jardim aqui ao lado.

Pensei subidas onde não havia rastros.

IV

... Por que não posso
Pontilhar de inocência e poesia
Ossos, sangue, carne, o agora
E tudo isso em nós que se fará disforme?

No poema, a informação é dada do ponto de vista do eu-lírico em relação à pessoa amada. Caso se invertissem os papéis, o verso destacado assumiria a seguinte forma:

- a. Tomo-te o corpo. E que descanso lhe dou.
- b. Tomo-lhe o corpo. E que descanso dou a ti
- c. Tomo o teu corpo. E que descanso me dá.
- d. Tomo-te o corpo. E que descanso te dou.
- e. Tomo o meu corpo. E que descanso te dá

29. UNIFESP 2011

(...) Rômulo era antipatizado. Para que o não manifestassem excessivamente, fazia-se temer pela brutalidade. Ao mais insignificante gracejo de um pequeno, atirava contra o infeliz toda a corpulência das infiltrações de gordura solta, desmoronava-se em socos. Dos mais fortes vingava-se, resmungando intrepidamente.

(Raul Pompeia. O Ateneu.)

Tendo em vista a função sintática da palavra grifada no fragmento, ela também pode ser vista no termo sublinhado na frase:

- a. Dos mais fortes vingava-se, resmungando intrepidamente.
- b. Para desesperá-lo, aproveitavam-se os menores do escuro.
- c. Via-se apregoadado por vozes fantásticas, saídas da terra.
- d. Mais frequentemente, entregava-se a acessos de raiva.
- e. Viam de joelhos o Franco, puxavam-lhe os cabelos.

30. UNIFESP 2012

Flor Anônima

Manhã clara. A alma de Martinha é que acordou escura. Tinha ido na véspera a um casamento; e, ao tornar para casa, com a tia que mora com ela, não podia encobrir a tristeza que lhe dera a alegria dos outros e particularmente dos noivos.

Martinha ia nos seus... Nascera há muitos anos. Toda a gente que estava em casa, quando ela nasceu, anunciou que seria a felicidade da família. O pai não cabia em si de contente.

- Há de ser linda!
- Há de ser boa!
- Há de ser condessa!
- Há de ser rainha!

Essas e outras profecias iam ocorrendo aos parentes e amigos da casa.

Lá vão... Aqui pega a alma escura de Martinha. Lá vão quarenta e três anos — ou quarenta e cinco, segundo a tia; Martinha, porém, afirma que são quarenta e três. Adotemos este número. Para ti, moça de vinte anos, a diferença é nada; mas deixa-te ir aos quarenta, nas mesmas circunstâncias que ela, e verás se não te cerceias uns dois anos. E depois nada obsta que marches um pouco para trás. Quarenta e três, quarenta e dois, fazem tão pouca diferença...

Naturalmente a leitora espera que o marido de Martinha apareça, depois de ter lido os jornais ou enxugado do banho. Mas é que não há marido, nem nada. Martinha é solteira, e daí vem a alma escura desta bela manhã clara e fresca, posterior à noite de bodas.

Só, tão só, provavelmente só até a morte; e Martinha morrerá tarde, porque é robusta como um trabalhador e sã como um pero. Não teve mais que a tia velha. Pai e mãe morreram, e cedo.

A culpa dessa solidão a quem pertence? Ao destino ou a ela? Martinha crê, às vezes, que ao destino; às vezes, acusase a si própria. Nós podemos descobrir a verdade,

indo com ela abrir a gaveta, a caixa, e na caixa a bolsa de veludo verde e velha, em que estão guardadas todas as suas lembranças amorosas. Agora que assistira ao casamento da outra, teve ideia de inventariar o passado. Contudo hesitou:

– Não, para que ver isto? É pior: deixemos recordações aborrecidas.

Analise as afirmações.

- I. Em – Martinha *ia nos seus...* – a suspensão do pensamento, marcada pelo emprego das reticências, se dá em função das projeções que o narrador passa a fazer sobre a idade da personagem.
- II. Na oração – *Pai e mãe morreram, e cedo.* – o termo em destaque está empregado com valor adverbial, estabelecendo relação de tempo.
- III. A frase inicial do penúltimo parágrafo do texto, em discurso direto da personagem Martinha, assumiria a seguinte redação: A culpa desta solidão a quem pertence? Ao destino ou a mim? Eu creio, às vezes, que ao destino; às vezes, acuso-me a mim própria.

Está correto o que se afirma em

- a. I, apenas.
- b. III, apenas.
- c. I e II, apenas.
- d. II e III, apenas.
- e. I, II e III.

GABARITO: 1) c, 2) d, 3) d, 4) c, 5) d, 6) e, 7) b, 8) e, 9) d, 10) a, 11) a, 12) c, 13) b, 14) d, 15) a, 16) a, 17) c, 18) c, 19) a, 20) a, 21) e, 22) b, 23) d, 24) c, 25) e, 26) e, 27) b, 28) d, 29) e, 30) e,